

Pontos de Vista

Pontos de Vista

"Crónicas de uma juventude" - ensaio

*D. Henrique, o navegador, ou, o curioso (não sei),
foi um homem cuja vontade de desvelar, apresentou
maravilhas a quem nunca tinha feito contas com
elas.*

E tu? O que foi que acrescentaste ao mundo?

Emenda altamente necessária ao "Pontos de Vista - Crónicas de uma juventude - ensaio"

Onde se lê:

Barreiro - substituir por - Sonho

Tejo - substituir por - Ser

Lisboa - substituir por - Razão

Na página 13, onde se lê:

Alentejo - substituir por - Dali

Algarve - substituir por - Acolá

Na página 5, na última linha do capítulo I, onde se lê:

... que um dia lá irei - substituir por - [...]

Na página 40, na última frase do sexto capítulo a contar do início da dita página, onde se lê:

... no chamado Parque dos Casquilhos (Parque da Cidade). - substituir por - [...]

Mais são de corpo do que de espírito,

Marco Binã Barreiro 02/07/2001



*(Descrever o que imaginamos
Se quisermos criar.
Existe o caminho racional
Mas esse pela sua maneira de ser
Sobre põe-se á imaginação
Conduz-nos a becos e
Quando não ficamos na mesma.*

*Racionalizar; imaginar mas com limites;
Não é para mim.
E eu não gosto!
Caso-me com a imaginação
Mas não consigo ir ao extremo que o Surrealismo ultrapassou.
Acredito que a razão, aquilo que revela o que é exequível de ser representado como verdade, está a um passo atrás da imaginação e de todos os outros fenómenos do próprio mundo.
O contrário é impossível.*

*Ela não tem becos, não tem estradas,
Aqueles caminhos definidos e demais normais
Pela imaginação voamos
E o caminho é sempre a abrir!*

*Tudo antes de ser concretizado
Foi imaginado,
Não é novo, foi recalçado, para mim, hoje, é evidente! que criatividade
Tem tudo a ver com imaginação.
Não me chamem de filósofo
A minha imaginação,
Que às vezes apelidam de loucura, de liberdade formal, de revolucionária
Não tem teoria,
Ela pura e simplesmente acontece
E não precisa de pretexto ou pontuação.*

A imaginação é a ciência que só há em cada um de nós.)

Descobri que defendo a imaginação como mais que um sexto sentido para os humanos. Ela é identidade! E só funciona realmente a quem não quer ser absorvido mas subversivo.

I

Eram duas da manhã de uma quinta-feira de Abril.

Em minha casa desamparada ao silêncio e á escuridão, sinto perfeitamente, o vento como um grito mudo, sufocado, que parece assim só para me atordoar. Pela janela á minha frente vejo sombras inquietas: árvores que formam com os seus ramos nus, sinistras e esqueléticas figuras que dançam num ritmo lento e assustador ao assobio afónico do vento da madrugada. Os pêlos do meu braço, eriçam-se e cada vez mais, assemelham-se a antenas que despertam. Vejo vultos que julgo serem ratos, mas que afinal nunca existiram dentro de minha casa; ouço vozes que julgo virem dos meus vizinhos. E... ouço perfeitamente os meus pensamentos mais profundos.

Sinto-me quase bem, é este um dia idêntico ao de ontem. Mas hoje, estaria melhor se não me encontrasse terrivelmente afrontado por aquela pequenina luz que brilha e se forma além da porta do meu quarto. Essa luz incomoda-me bastante: parecem-me dois olhos brancos, minúsculos, assombrando brilhando num turbilhão de breu. Eu tinha acabado de ver um excelente filme de terror que prima pelo argumento e efeitos especiais... nas pessoas que o vêem. Acho que é então por tudo isto que o meu cérebro está a ser aleijado por ilusões.

Está aqui mais alguém, juro! É o que sinto deste canto onde estou; um outro que os cépticos conhecem como um disparate das imaginações; um outro que os *mais complicados* dizem ser uma luz invisível ao instrumento do olho humano; um outro que muitos conhecem como um fantasma - uma alma do outro mundo que vem para nos assombrar - e eu, um jovem muito assustado.. mas não, não vou acreditar que o que sinto é um fantasma.

Não! Não sei o que aquilo é e agora nem no mínimo tenho a certeza que o que sinto a mais no meu quarto é alguma coisa, mas de qualquer maneira, já procurei, já esquadrinhei e não encontrei em mim um pingo de vontade para descobrir o que aquilo realmente é; mas também não vou ficar aqui á espera que esse fantasma me leve para o outro lado! Essa é que é essa! Sou muito jovem ainda tenho

muito para viver. Andei a adiar experiências para mais tarde e agora esse mais tarde não vai chegar! Nãooooo!!!!!!!

No meu quarto paro: encosto-me á porta para ela não se abrir e começo a pensar: Irei ficar no meu quarto o resto da minha curta vida ou vou viver o que tem o mundo para dar. Tudo seria mais fácil se esse fantasma não me obrigasse a ser prisioneiro no meu próprio quarto. Vou enfrentá-lo! Eu até nem acredito em fantasmas e nem acredito que haja alguém que conheça um! Então como é que me sujeitei a estar aqui fechado e a molhar as minhas calças, como foi que acreditei que do outro lado desta porta está um enviado para me assombrar e me arrelhar até me levar deste mundo, tal como dizem as pessoas? E se fantasmas não existem como posso ter um no hall da minha casa!

Mas por outro lado quem é que em todas as suas capacidades e consciente das suas palavras, pode afirmar que conhece algo ou alguém! Ninguém. Alguém!! E esse alguém conhece esse algo, mesmo, com toda a absoluta certeza, uma certeza daquelas que afirma ‘isto não irá mais me surpreender’!?!...

Não sei! não consigo acreditar que fantasmas existem mas também não consigo aceitar que absolutamente eles não existem.

Temo o que desconheço mas tomei uma decisão, estou decidido a enfrentá-lo, a ele e á realidade, vou-lhe pedir esclarecimentos,

porque eu o que eu preciso é de estar esclarecido e os esclarecimentos estão na realidade, os conhecimentos que não me vêm directamente da realidade, vêm-me ofuscados, disso eu sei! Mas... ainda me sinto como que obrigado sem conhecer a razão, a seguir as conclusões dos outros, até aquelas que eu acho mais desacertadas, ofuscadas; mas porquê? as minhas ideias valem nada? serei eu um fraco até mesmo para mim?

E estes sussurros constantes e lentos, que me contaminam os pensamentos «*fantasma, fantasma, fantasma*» uuuhhh.

Tentei convencer-me, pelo raciocínio, que não estava receoso e que a minha imaginação estava corrompida e o meu instinto a ser traído pelo filme de terror e que eu estava iludido pelas palavras doutros... «*fantasma, fantasma, fantasma*»... acabei por julgar o tal ente além de mim traduzindo as imagens que me passavam pela cabeça – isto é um fantasma e está aqui só para me assombrar – e indiferente ao facto do hall ser parte da minha casa, cerro ainda mais o meu esconderijo, fecho como se fecha um cofre, a porta do meu quarto.

Estava em Lisboa. Modéstia á parte num *gordo* décimo-terceiro andar. Neste prédio vivem mais ou menos o mesmo número de famílias que se pode hoje encontrar em muitas aldeias médias do interior do nosso país, mas que, e extremamente ao inverso do que acontece nessas aldeias, estas famílias comunicam apenas quando

por infortúnio, ou não, do destino, se encontram no cubículo que sempre me ascende até aqui - o elevador - aí as frases que trocam são sempre secas e acredito que nada mais extenso que um simples e curto - «Boa tarde, como vai. E a família». Encontram-se e por educação: falam-se; mas naquele tom do: já fiz as honras, não te conheço, não me conheces, e não tenho tempo para desconhecidos e agora só espero que te vás embora - e isto é real e passa-se não só no meu prédio. (mas que diabo está ele a falar, dentro da família dele a comunicação está escassa!)

Recapitulemos para podermos continuar:

Quarto. 13º andar. Porta fechada a algo que desconheço. Não tenho forças para mergulhar no meu ser.

E não consigo dormir.

O silêncio e o escuro reinam em minha casa - sou um súbdito deles - mas eles estavam agora ultrapassados pelo que se passava no meu quarto - revoltei-me - de certa forma era a continuação de um silêncio, ouvia-se Tlac, Tlac, TlacTlac, Tlac, o barulho que faziam as teclas quando eu nelas carregava; brilhavam os pontos do meu monitor de 14 polegadas; piscavam as luzes do meu modem; e ali estava eu isolado do ente desconhecido a navegar na Internet, melhor! a *teclar* para alguém que responde, pelo *nick* de 'Jenny', uma dama que para mim é uma companhia agradável e desejada,

mas por outras, uma grande chata e inoportuna e devo aqui dizer que ela não me pareceu lá muito bela. Sei que ela passa a maior parte do seu tempo na NET e eu acho que é porque ela tem vergonha de se apresentar como é, aos outros e por isso pela NET ela pode fingir-se de mais bela. (lembrem-se: quando em crianças terem dito: quem diz é quem é!...) Mas de qualquer forma... *teclo* com ela por este *chat* uma média de duas horas por dia, sempre depois das 23h. há já muito tempo e ela acha-me um *se-bem* e muitas vezes apelida-me de *dread* eu acho que em tom de elogios porque por elogios os tomei. Ela *teclava* do Barreiro e nas nossas conversas dava-me sempre boas referências desse lugar. Ela não me disse directamente mas eu acho que ela quer que eu conheça o Barreiro; em tom de visita, em passeio, nada mais – repetia ela. E eu que por aqui não estou comprometido pela linguagem quase sempre verdadeira que o jeito natural pode exprimir mas que as teclas não podem de maneira alguma passar fielmente, fiz a 'Jenny' acreditar que estava cheio de vontade para conhecer o 'Barreiro' e então quando ela, repetidamente, menciona este assunto eu repito vezes sem conta mil desculpas e promessas vãs que um dia lá irei - No próximo Domingo..! – talvez!